

# ANÁLISE PANCRÔNICA DAS CONSTRUÇÕES CORRELATAS ALTERNATIVAS

*Jovana Mauricio Acosta de Oliveira*

*Orientador: Ivo da Costa do Rosário*

Doutoranda

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo observar os padrões de uso das construções correlatas alternativas à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tanto sincrônica quanto diacronicamente. A LFCU parte do princípio de que a língua emerge a partir de seu uso e vai sendo moldada em meio a instabilidades. Alguns autores, como Rosário (2012), Castilho (2004), Módolo (2011) e Melo (1978) propõem que estruturas instanciadas por conectores descontínuos sejam apresentadas como correlatas, e não como coordenadas ou subordinadas. Com base nessas propostas, Acosta (2016) constatou que as construções correlatas alternativas em uso no século XXI apresentam características que as diferenciam das típicas coordenadas alternativas. Pretende-se, portanto, neste trabalho, observar o comportamento dessas construções também nos séculos XIX E XX, a fim de estabelecermos uma comparação com os resultados encontrados no século XXI. O *corpus* sincrônico escrito utilizado é composto por textos retirados de versões eletrônicas da Revista Veja (<http://www.veja.abril.com.br>). Já o *corpus* escrito diacrônico foi retirado de textos do CIPM (Corpus Informatizado do Português medieval) e do projeto Tycho Brache. Foram encontrados, até o momento, 181 ocorrências no *corpus* sincrônico e 30 ocorrências no *corpus* diacrônico.

**PALAVRAS-CHAVE:** correlação, alternância, construção.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Acosta (2016)<sup>1</sup>, constatou que as construções correlatas alternativas são construções diferentes das construções coordenadas, tanto sintaticamente quanto pragmaticamente,

---

<sup>1</sup> ACOSTA, Jovana Mauricio. Análise funcional das construções correlatas alternativas. Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

---

reforçando assim, o estatuto particular da correlação alternativa em relação à coordenação alternativa. Este estudo e diversos outros como o de Melo (1978), Rodrigues (2007) e Rosário (2012), justificam o tratamento dado à correlação, neste trabalho, como um processo à parte da subordinação e da coordenação.

Partindo deste pressuposto, com base em Rosário (2012), entendemos por correlação uma “construção sintática prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si, encabeçadas por correlatores de tal sorte que a enunciação de uma (prótase) prepara a enunciação de outra (apódose)”.

O objetivo deste estudo é obter uma análise pancrônica das construções alternativas com resultados aferidos a partir dos usos, dessas construções, nos séculos XIX, XX e XXI. O estudo pretende comparar os usos do século XXI obtidos no estudo de Acosta (2016), com os usos dos outros séculos mencionados, buscando semelhanças e diferenças que possam dar pistas sobre a evolução do uso das construções correlatas alternativas na língua.

O aporte teórico utilizado para esta análise será o da Linguística Funcional centrada no uso (LFCU), nos termos de Cezário e Furtado da Cunha (2013), entre outros, que leva em conta as inovações e as mudanças apresentadas no uso da língua e o da gramática de construções. Nessa perspectiva, a gramática é vista em sua totalidade, ou seja, nenhum nível é central, e forma e significado são pareados como iguais, passando a funcionar como unidades básicas e centrais da língua, operando em diferentes níveis da gramática.

Este trabalho, faz parte de um projeto maior de pesquisa que tem como objetivo central o rastreamento da rota de mudança construcional de toda a rede da alternância. O estudo objetiva compreender o processo evolutivo da rede da correlação alternativa no português e compreender também as motivações para o seu uso.

Na seção seguinte conheceremos um pouco mais do objeto aqui tratado: a construção correlata alternativa.

## A CONSTRUÇÃO CORRELATA ALTERNATIVA

A classificação da construção alternativa como correlata ou coordenada não é pacífica entre os autores que abordaram o assunto, sendo alvo de opiniões divergentes. Autores como Castilho (2010), Módolo (2011) e Melo (1978), por exemplo, as classificam dentro do quadro

das correlatas. Outros preferem sua classificação dentro das coordenadas. Essa discussão torna-se aparente na afirmativa de Câmara Jr, em obra organizada por Uchôa (2004, p.111):

Os adeptos da correlação, à força de explorar o conceito, chegaram à demonstração por absurdo de que ele é falso, quando criaram a ‘correlação alternativa’ como faz Gladstone Chaves de Melo atendendo a uma sugestão do jovem professor Maximiano de Carvalho. Assim, dois professores excelentes (e Gladstone Chaves de Melo é uma pessoa que muito admiro, como já frisei mais de uma vez) aboliram a coordenação alternativa com – ‘ou...ou...’, ‘quer... quer...’ sob alegação de que uma oração de ‘ou’ ou ‘quer’ não se justifica sem a outra. Mas isso é normal em toda coordenação: na adversativa, na explicativa, na conclusiva e até na aditiva, em que cada oração se compreende em função da anterior: ‘mas preguiçoso’, ‘preguiçoso pois’ e assim por diante não formam ‘sentido completo’. A ser válido o raciocínio dos dois dignos professores, não há coordenação, e em seu lugar teremos a correlação.

Discordamos da argumentação apresentada pelo autor supracitado em alguns aspectos. Considerar a existência de correlatas alternativas não necessariamente implica a abolição da coordenação alternativa, pois, como apresentamos neste trabalho, trata-se de construções diferentes.

Com respeito à inclusão das alternativas no campo das correlatas (em se tratando dos autores que admitem a existência da correlação), há quase um consenso. Vejamos, no quadro a seguir, como isso ocorrem em cinco obras distintas.

**Quadro 1- Tipos de orações correlatas<sup>2</sup>**

Melo (1978)	Melo (1997)	Luft (2000)	Castilho (2004)	Uchôa (2004)
Aditivas	Aditivas	Aditivas	Aditivas	Aditivas
Comparativas	Comparativas	Comparativas	Comparativas	Comparativas
Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas	Consecutivas
Alternativas	Alternativas	Alternativas	Alternativas	–
–	–	Equiparativas <sup>3</sup>	–	–
Proporcionais	–	–	–	–

<sup>2</sup> Quadro extraído de Rosário (2012).

<sup>3</sup> A correlação equiparativa, segundo Melo (1978), ocorre quando queremos estabelecer igualdade ou equivalência para o segundo termo, que vem fechar um pensamento deixado em aberto ou em suspenso no primeiro termo.

-	-	-	Paralelísticas	-
---	---	---	----------------	---

Verificamos, a partir do quadro anterior, que há consenso quanto às aditivas, comparativas e consecutivas, no entanto, os autores divergem em relação às equiparativas, proporcionais, paralelísticas e alternativas. Diante dessas divergências envolvendo a correlação, fica evidente a necessidade de mais estudos que contribuam para que a análise dos processos de estruturação sintática se torne mais estável.

Ademais, o fato de Uchôa (2004) não considerar as construções alternativas dentro do quadro da correlação revela-se como bastante intrigante. A nossa hipótese para isso está ligada à visão demonstrada pelo autor anteriormente. Como vimos, ele acredita que, ao considerar as alternativas dentro do quadro da correlação, a coordenação alternativa seria abolida.

Observamos que Uchôa (2004), ao defender sua posição de não concordância com a ideia de que a correlação e justaposição são processos que estejam no mesmo nível da coordenação e da correlação, vale-se, a todo momento, de questões referentes a dependência. No entanto, o autor desconsidera que a correlação apresenta outros aspectos, sendo a interdependência uma das mais marcantes.

A seguir, apresentamos uma breve pesquisa com relação ao tratamento dado à oração alternativa em algumas gramáticas, demonstrando que, muitas vezes, as definições são pautadas a partir de suas conjunções. Vejamos:

**Quadro 2- Oração alternativa nas gramáticas<sup>4</sup>**

Oração alternativa	
Melo (1978, p. 147)	As orações sindéticas tomam o nome da conjunção que as encabeça. Teremos, assim, coordenadas sindéticas, aditivas, alternativas, adversativas conclusivas e explicativas.
Rocha Lima (1999, p. 260)	As orações coordenadas sindéticas recebem o nome das conjunções que as iniciam, classificando-se, portanto, em: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
Luft (2000, p. 51)	A coordenação entre as orações se faz por meio de umas das conjunções coordenativas, caso em que são sindéticas e recebem o nome da respectiva conjunção. Alternativas: <i>Lê ou escreves.</i>
Cunha (2001, p. 597)	Coordenada sindética alternativa, se a conjunção é alternativa.

<sup>4</sup> Quadro extraído de Acosta (2016)

Bechara (2003, p. 350)	São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores: aditiva, adversativa e alternativa: <i>Estudas ou brincas</i>
Henriques (2003, p. 97)	Alternativas- conjunção-base: ou Exs: <i>Nossa vista está embaraçada ou isso é neblina?</i> <i>Ora os políticos dizem uma coisa, ora dizem outra.</i>
Kury (2003, p. 68)	Alternativas: As várias orações exprimem pensamentos que se alternam, ou se excluem.
Mateus et alii (2003, p. 591)	Os períodos coordenados podem estruturar-se por conjunções ou conectores: Por conjunções: a) copulativa ou aditiva b) <b>disjuntivas ou alternativas</b> (ou...ou; nem.. .nem; ora.. ora: quer... quer) Esta noite, <b>ou</b> vamos ao teatro, <b>ou</b> ao cinema c) adversativas ou contrajuntivas.
Castilho (2010, p. 133)	Coordenação disjuntiva ou alternativa: essa coordenação é marcada pela conjunção ou. O que é dito para o primeiro termo não vale para o segundo.

Como observamos a partir do quadro anterior, as definições calcadas apenas nas conjunções não é didática, pois o leitor precisa ter um conhecimento prévio das conjunções alternativas para compreender o significado de coordenação alternativa. São definições circulares, portanto.

A opção pela definição das orações coordenadas a partir de suas conjunções é adotado pela maioria das gramáticas tradicionais. Notamos que apenas alguns autores como Castilho (2010) e Kury (2003) discutem o viés semântico dessa estrutura.

## OUTROS OLHARES SOBRE A CORRELAÇÃO ALTERNATIVA

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p.898), ao referir-se à relação de disjunção, afirmam que esta pode ser efetuada por meio da conjunção *ou*, simples e dupla. Essa obra, por ter como objetivo uma análise do português em uso, é uma das poucas que fazem referência à correlação instanciada por *seja...ou*. As autoras afirmam que esses correlatores, diferentemente do que “preveem as convenções normativas”, apresenta duas conjunções distintas para estabelecer a ligação de prótase e apódose:

---

A ocorrência de *seja...seja* manifesta, na realidade, uma forma de repetição do predicado verbal, que parece estar se gramaticalizando como conjunção e cuja associação com *ou* é frequentemente licenciada, com valor concessivo, como é possível verificar numa sentença como “Sejam os réus ricos ou pobres, a justiça tem que aplicar-se”.

Raposo *et alii* (2013, p. 1777) admitem existir dois tipos de coordenação: a coordenação simples e a correlativa, que pode ser feita “por duas conjunções ou locuções, cada uma delas introduzindo um dos termos (e a segunda articulando o primeiro com o segundo)”. Os autores ressaltam que os dois elementos que formam a coordenação correlativa são, na verdade, um só e devem ser considerados como uma única “conjunção de natureza complexa”. Com isso, os autores consideram dois tipos de conectores correlativos:

- Aquele em que cada parte do conector é formada por uma conjunção simples e o todo formado pelo seu redobro, como *quer...quer, ou...ou, ora...ora, nem...nem*.
- E o caso em que o conector é formado por um ou mais elementos de natureza adverbial, como *não só...mas também, não só... como (também)*.

Percebe-se, por meio dos conectores apresentados, que Raposo *et alii* (2013) também não fazem referência a outros correlatores que serão mencionados neste trabalho como o *seja...ou*, por exemplo. Aliás, não apresentam qualquer característica que os encaixem nos dois tipos de conjunções apresentadas, já que não apresentam conjunções repetidas nem são de base adverbial.

Embora Raposo *et alii* (2013) não tenham enquadrado o correlator *seja...seja* junto aos outros mencionados, ele é citado pelos autores em nota de página. Afirmam os autores: “A forma verbal *seja* também pode ser usada como conjunção correlativa, como em *seja o Antônio, seja o Manuel*”.

Os autores destacam, ainda, a relação de interdependência estabelecida pelas conjunções correlativas, formando, assim, uma “unidade estrutural” em que nenhuma das partes pode ser omitida. (RAPOSO *et alii* 2003, p. 1778). É importante ressaltarmos, no entanto, que essa gramática portuguesa prestigia o padrão culto da língua, por isso não menciona alguns correlatores encontrados em nossa pesquisa. Ressaltamos também que, embora os autores tenham mencionado a correlação, eles não a consideram como um fenômeno independente dos outros processos de estruturação do período.

Langacker (2008) afirma que a coordenação com *ou*, definida pelo autor como “combinação”, é mais elaborada e mais difícil de ser caracterizada, por exemplo, do que a

---

combinação com *e*. O autor explica que, enquanto na combinação com *e* temos uma justaposição mental simples em que apenas uma imagem é invocada, na combinação com *ou* duas imagens são invocadas para que uma exclua a outra.

O autor ressalta que, apesar de a disjunção evocar dois espaços mentais, ambos são equivalentes. Assim sendo, a simetria se mantém, já que os conjuntos (sintagmas) participantes são gramaticalmente equivalentes e paralelos, assim como na adição. Entretanto, o autor chama a atenção para o fato de que a equivalência e a simetria COMPLETAS nunca podem ser alcançadas na prática e é justamente por isso, segundo Langacker (2008), que a coordenação com *ou* é comumente descrita como disjunção, e não conjunção. É importante ressaltarmos que o autor considera apenas a alternância exclusiva, e não a inclusiva.

Ramat e Mauri (2011), em trabalho sobre a gramaticalização da coordenação, trazem uma importante contribuição para uma melhor compreensão da relação disjuntiva. Os autores apontam que a disjunção é um dos principais tipos de relações presentes na coordenação, separando os tipos de relações coordenativas em dois grupos: a) conectivos conjuntivos e disjuntivos e b) conectivos adversativos.

De acordo com os autores, os conectores disjuntivos são menos gramaticalizados que os adversativos, por serem menos renováveis ao longo do tempo, ou seja, serem mais estáticos. Seriam mais estáticos no sentido de serem menos utilizados pelos usuários da língua do que os adversativos, por exemplo.

Outra razão apresentada para tal fato é que conectivos disjuntivos são caracterizados por um menor grau de intersubjetividade, que, por sua vez, determinam uma necessidade menos urgente de expressividade e renovação.

## ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Como já mencionamos, este trabalho tem como ponto de partida os resultados aferidos por Acosta (2016) em seu estudo de dissertação de mestrado. Faz-se necessário então, uma revisão desses resultados antes de partirmos para análise pancrônica, atualmente, obtida. Acosta (2016) constatou que:

- As construções coordenadas alternativas são diferentes das construções correlatas.
- Algumas construções correlatas apresentam sobreposição de valores semânticos.

- Existem outras correlatas alternativas em uso no PB além das mencionadas pelas principais gramáticas. Ex: *seja...ou, que ...ou, nem...ou*

Com base nessas constatações, prosseguiremos, agora, à análise pancrônica das construções correlatas alternativas. O nosso objetivo inicial foi observar qual seria as semelhanças e diferenças encontradas nos usos dessas construções nos séculos XIX E XX comparando-as com o século XXI. Os dados dos séculos XXI e XX foram coletados do acervo digital da *Revista Veja on line*. Já os dados do século XIX foram coletados do *CISP-corpus informatizado do português medieval*.

Foram encontrados 275 ocorrências das construções alternativas: 181 no século XXI e 94 nos séculos XIX e XX. Vejamos no quadro a seguir:

**Quadro 4- Resultados**

TYPES	XIX	XX	XXI	TOTAL
ou...ou	<b>13</b>	<b>16</b>	<b>63</b>	<b>92</b>
<i>seja...seja</i>	3	12	42	57
<i>ora...ora</i>	4	<b>18</b>	32	54
<i>nem...nem</i>	10	11	21	42
<i>quer...quer</i>	3	2	16	21
<i>seja...ou</i>	0	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<i>quer...ou</i>	0	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
<i>nem...ou</i>	0	0	<b>1</b>	<b>1</b>
<i>Tokens</i>	33	61	<b>181</b>	275

Observamos a partir da análise do quadro que houve diferença nos usos das construções correlatas em cada século. As ocorrências em negrito evidenciam a relevância dos números. A seguir, apresentaremos alguns dados e abordaremos as conclusões obtidas a partir da análise dos dados. Vejamos alguns exemplos dos séculos XIX E XX:

- (1) A Corte residia, **ora** em Queluz, **ora** em Mafra, e Bemfica era ponto forçado de descanso para os cortesãos, **ou** na sua ida para o Paço, **ou** no seu regresso. Recordo-me de ter visto à mesa em minha casa, em dias de beija-mão, além dos muitos parentes, algumas das celebridades da época e que depois



---

representaram papéis distintos, como o Cardeal Callepi, Monsenhor Macchi, depois Cardeal, e de quem recebemos sempre as mais distintas provas de amizade, o General Barão de Caronbert, que tinha feito a guerra dos Sete Anos com meu Avô, o coronel Lecor, Ajudante de campo de meu tio, o Marquês de Alorna, e que foi depois conhecido como General Barão de Laguna, fazendo com muita distinção a Guerra Peninsular e comandando o nosso exército no Rio da Prata, considerado sempre por nós como nosso parente; e o famoso Abade Corrêa da Serr

( Cartas Eça de Queirós,pág.45, séc.XIX)

No dado do século XIX, observamos duas construções correlatas alternativas: uma encabeçada pelo correlator *ora...ora* e outra pelo correlator *ou...ou*, ambas indicando alternância e apresentando interdependência típica da correlação. Ou seja, há na prótase uma anúncio do que será dito na apódose. Observamos também, que o correlator *ou...ou* continuou apresentando-se como o mais recorrente nos séculos XIX e XX, assim como já observado no século XIX, no entanto foi observado um aumento considerável de usos dos correlatores com *ora...ora*, nos séculos XIX e XX. Observe no quadro acima.

2) O 737-700 é capaz de cobrir sem escalas, por exemplo a distância entre Manaus e Miami. Nem precisava, porque esse jato vai operar em vôos domésticos e dentro da América do Sul. É mais um exemplo que a Varig, faz sempre mais por você. **Seja** oferecendo segurança, o melhor serviço **ou** o carro chefe das companhias aéreas: aviões.

(Revista veja,pág..21 séc. XX)

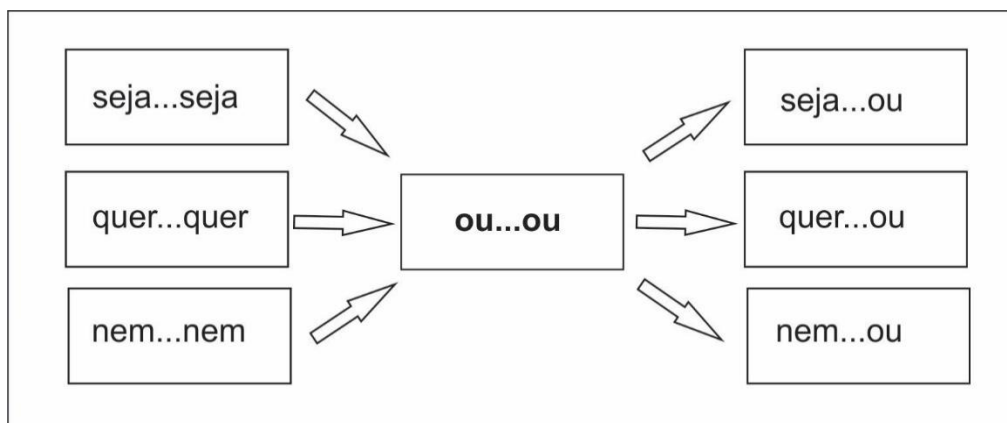
No dado (2) do século XX, observamos a correlação alternativa sendo estabelecida a partir do correlator não espelhado *seja...ou*, um correlator não protípico e não mencionado pelas principais gramáticas, apesar de seu uso recorrente pelos observado no século XXI. É importante ressaltarmos que observamos uma diminuição no uso deste correlator nos século XX e que não foi encontrado, nos dados analisados, nenhuma ocorrência no século XIX, o que parece apontar para um uso recente deste correlator. Esta descoberta reforça a hipótese do aparecimento deste correlator proposta por Acosta 2016.

Segundo a autora, os correlatores não espelhados de construções alternativas como *seja...ou*, *quer...ou* e *nem ...ou* teriam sido criados a partir de um processo de analogização. De acordo Traugott e Trousdale (2013) um dos mecanismos de mudança existentes para explicar o surgimento de uma nova construção é o fenômeno da analogização. Na analogização, o falante reconfigura e alinha traços de uma construção já existente para a formação de uma

construção nova. O exemplar da categoria de uma construção é tomado como um modelo para a criação de novos *types*. Sendo assim, observamos que o mecanismo da analogização é útil para a interpretação dos mecanismos de mudança pelos quais foram criados os novos *types* *seja...ou*, *quer...ou* e *nem...ou*.

Esses *types* foram formados por meio da atração de membros e de construtos já existentes, que são os seguintes: *seja...seja*, *quer...quer*, *nem...nem* e *ou...ou*. Essas novas formas partilham, alinham traços das velhas e das novas construções possibilitando a emergência de novas formas, novos *types* de construção alternativa. Vejamos a seguir o esquema proposto por Acosta 2016:

**Figura-1- Esquema de analogização das construções correlatas alternativas**



Notamos a partir do esquema que a partir dos modelos já existentes, os novos modelos de alternância são criados. De acordo com a abordagem construcional proposta por Traugott e Tausdal (2013), esse fenômeno acontece porque, ao utilizarmos a língua, acessamos informações estocadas, e aquelas que são mais frequentes são acessadas com maior facilidade. Sendo assim, como o *type* *ou...ou* é o mais frequente, ele é mais facilmente recrutado pelo usuário da língua.

Vejamos, agora, como se comportaram outros correlatores na análise de dados:

- (3) É publicar estas Fradiquices simultaneamente no Repórter e na Gazeta de Notícias,- | comendo assim a duas prosas. **Nem** Gazeta **nem** Repórter perdem nada com isso. Eu combino | as remessas de sorte que cada artigo saia no mesmo dia, ou pouco mais ou menos, em | Lisboa e no Rio de Janeiro. E como quinze dias de mar separam providencialmente essas | duas colmeias de

---

lusitanos segue-se isto:- que quando a Gazeta chegue a Lisboa com, | artigo meu já esse artigo tem aparecido no Repórter há quinze dias, que é como se disséssemos | há quinze...

(Séc. XIX. Cartas Eça de Queirós,pág.38)

O dado (3), demonstra mais uma construção alternativa, agora encabeçada pelo correlator *nem...nem*, apresentando a função de negação das alternativas apresentadas. A ocorrência deste correlator estabelecendo a alternância já havia sido observada no século XXI, no entanto, a análise pancrônica dos dados revelou que seus usos no século XIX e XX ganharam destaque considerável em relação ao século XXI.

### SOBREPOSIÇÃO SEMÂNTICA

Acosta 2016, como já citamos, observou que algumas construções como *ou*, nos usos observados no século XXI apresentaram sobreposição de valores semânticos, ou seja, valores alternativos/condicionais. Vejamos no dado a seguir:

- (4) O alicerce central de sua postura é raso e estreito: “**Ou** você pensa como eu, **ou** você é um idiota; **ou** você pensa como eu, **ou** você está errado”. Ou você é coisa ainda muito pior, dependendo do grau de ira que sua opinião despertou neste ou naquele movimento.

(Revista veja on line, abril/2005, Séc.XXI)

Observamos no dado (4) que há entre as construções um vínculo semântico, uma relação de causa-consequência que seria típica das construções condicionais. A noção semântica que se imprime na construção é a seguinte: *Se você não pensa como eu, você é um idiota*. Nota-se também, um tom de ameaça nas cláusulas que, segundo Fillenbaum (1986, *apud* Hirata Vale 2008), aliada à ordenação, é a responsável por favorecer uma leitura condicional.

A análise do século XX revelou, algumas ocorrências, com a mesma sobreposição semântica citada acima: com valor alternativo condicional. No entanto, nenhuma ocorrência da mesma foi encontrada no século XIX. Vejamos nos dados a seguir um dos dados encontrados no século XX:

- (5) O sistema de escolha dos congressistas incentiva o clientelismo. Ele passa a ser condição da própria sobrevivência política do deputado ou do senador. O

---

congresso atual não é representativo da sociedade. **Ou** o parlamentar atende aos interesses de sua clientela **ou** não se reelege.

(Revista veja on line, fev ./1999, séc. XX)

Observa-se no dado (5) que, além da disjunção alternativa/exclusiva que se colocou como marca de prototipicidade desse tipo de construção, pôde-se observar assim como nas outras cláusulas, um valor condicional .

A observação e análise dos dados obtidos na análise pancrônica permitiu-nos tecer algumas considerações sobre os usos das construções correlatas alternativas. Retomaremos agora, de forma resumitiva, algumas dessas descobertas aferidas e citadas no decorrer deste artigo:

- Os usos nos séculos XIX, XX e XXI observados até o momento apresentam semelhanças no que se refere à função básica da correlação. Assim como observado no século XXI, também nos séculos XIX e XX, todas as construções apresentaram a interdependência típica das correlatas.
- Em relação ao uso, observou-se que, embora a construção com *ou...ou* ainda seja a mais recorrente, as construções *nem...nem* e *ora...ora* ganharam destaque nos séculos XIX e XX.
- Observou-se também que as construções com sobreposição semântica apresentaram uso pouco frequente. Não foi verificada nenhuma ocorrência no século XIX.
- Com relação ao uso das construções não espelhadas, também houve menor frequência de uso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão pós-análise nos permitiu observar que os usos das construções alternativas entre os séculos, ainda que sutil, é diferente. A nossa hipótese era realmente encontrarmos diferenças, já que a língua não é estática e está sempre em constante transformação. As diferenças, observadas até aqui não são, em sua maioria, referentes à forma, mas na frequência dos usos entre os séculos. No entanto, o que nos importa aqui, verdadeiramente, é a natureza da mudança e, em que, essas mudanças, podem nos ajudar para entendermos a evolução e uso dessas construções. É importante deixarmos claro que, este trabalho, faz parte de um projeto maior, em andamento, que objetiva traçar a rota de mudança das construções alternativas com o objetivo, como já citamos de entendermos a evolução e o uso dessas construção. Posto isso,

---

ressaltamos que este artigo é apenas o pontapé inicial para esse trabalho, mas as descobertas aqui obtidas foram de grande importância para nortear este estudo.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Jovana Mauricio. Análise funcional das construções correlatas alternativas. Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2004.

CARVALHO, José Augusto. *Gramática Superior da Língua Portuguesa*. Brasília: Thesaurus, 2011.

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.) *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ. 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGUIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; MOURA NEVES, Maria Helena (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: vol. 2 – classes de palavras e processos de construção*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

RAPOSO, Eduardo Bozaglo Paiva. (Org.). *Gramática do Português Vol. I e II*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

---

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói, 2012.

TRAUGOTT, E.C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

#### CRÉDITO DAS IMAGENS

Figura-1- Esquema de analogização das construções correlatas alternativas  
ACOSTA, Jovana Mauricio. *Análise funcional das construções correlatas alternativas*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.